

EDUCAÇÃO

V.11 • N.3 • Publicação Contínua - 2022

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2022v11n3p64-81



## DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS E PAULO FREIRE: CONVERSAS NO WHATSAPP E MENTIMETER

SEXUAL AND REPRODUCTIVE RIGHTS FROM AND PAULO FREIRE:  
CONVERSATIONS ON WHATSAPP AND MENTIMETER

DERECHOS SEXUALES Y REPRODUCTIVOS Y PAULO FREIRE:  
CONVERSACIONES EN WHATSAPP Y MENTIMETER

Aristóteles de Paula Berino<sup>1</sup>  
Janaína Rodrigues de Freitas Machado Eduardo<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo foi escrito com base em uma pesquisa que está investigando a tessitura de conhecimentos de direitos sexuais e reprodutivos no cotidiano escolar em diálogo com o pensamento de Paulo Freire. O estudo supracitado está sendo realizado com estudantes secundaristas matriculados em uma escola pública da rede estadual situada em um município no interior do Rio de Janeiro. Metodologicamente, buscamos aproximar a concepção freireana de educação à pesquisa com os cotidianos, a partir de conversas realizadas no *WhatsApp* e de uma criação coletiva no *Mentimeter*. Além dos dispositivos acima, também foram utilizados, o diário de campo que permitiu o registro detalhado das observações e as fichas-roteiro das conversas, instrumento previamente elaborado para fornecer subsídios ao diálogo estabelecido entre os participantes nas redes instituídas.

## PALAVRAS-CHAVE

Direitos Sexuais e Reprodutivos. Pesquisa com os Cotidianos. Mentimeter. Paulo Freire. *WhatsApp*.

## ABSTRACT

This article was written based on a research that is investigating the weaving of knowledge on sexual and reproductive rights in everyday school life, in dialogue with the thought of Paulo Freire. The aforementioned study is being carried out with high school students enrolled in a state public school located in a city in interior of Rio de Janeiro. Methodologically, we seek to bring the Freirean conception of education closer to the research with the everyday, based on conversations held on WhatsApp and a collective creation on Mentimeter. In addition to the above devices, the field diary was also used, which allowed the detailed recording of observations and the script of the conversations, an instrument previously elaborated to provide subsidies for the dialogue established between the participants in the instituted networks.

## KEYWORDS

Sexual and Reproductive Rights. Everyday Research. Mentimeter. Paulo Freire. Whatsapp.

## RESUMEN

Este artículo fue elaborado a partir de un estudio que investiga el tejido del conocimiento sobre los derechos sexuales y reproductivos en la vida escolar cotidiana, en diálogo con el pensamiento de Paulo Freire. El estudio antes mencionado se está llevando a cabo con estudiantes de secundaria matriculados en una escuela pública estatal ubicada en una ciudad del interior del Río de Janeiro. Metodológicamente, buscamos acercar la concepción freireana de la educación a los estudios cotidianos, a partir de conversaciones mantenidas en WhatsApp y una creación colectiva en Mentimeter. Además de los dispositivos anteriores, también se utilizó el diario de campo, que permitió el registro detallado de las observaciones y el guion de las conversaciones, instrumento previamente elaborado para brindar subsidios al diálogo establecido entre los participantes en las redes instituidas.

## PALABRAS CLAVE

Derechos sexuales y reproductivos. Estudios cotidianos. Mentimeter. Paulo Freire. WhatsApp.

## 1 INTRODUÇÃO

As reflexões que apresentaremos neste artigo são fruto de uma pesquisa em andamento que está investigando a tessitura de conhecimentos acerca dos direitos sexuais e reprodutivos no cotidiano escolar, a partir do diálogo com a concepção freireana de educação. Os direitos sexuais e reprodutivos (DSR), são direitos humanos fundamentais reconhecidos em vários documentos internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos redigida pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948 (BRASIL, 2013). São, portanto, um campo de permanente tensão e luta, pois ainda há inúmeras violações de direitos humanos em várias partes do mundo, inclusive em países signatários da declaração.

A se considerar que as existências juvenis são influenciadas pelas imagens produzidas na interconexão entre artes, mídias e o consumo e se revelam com identidades móveis, voláteis e até mesmo reativas diante da padronização imposta pela cultura (SILVA, 2013), tentar reduzir as culturas juvenis, suas contradições e diversidade “à homogeneidade de uma narrativa única”, seria desastroso do ponto de vista teórico (FREIRE-FILHO, 2007, p. 54). Por isso, neste artigo usamos o termo “juventudes”, em respeito à pluralidade cultural.

Assim, partindo das premissas acima, o estudo supracitado considerou a conversa como metodologia de pesquisa, na tentativa de aproximar as ideias do educador Paulo Freire (1921-1997) e a pesquisa com os cotidianos fazendo emergir a busca de pistas do interesse dos educandos pelo tema sexualidade e a discussão de conteúdos relacionados aos direitos sexuais e reprodutivos, pautada na horizontalidade entre os *sujeitosparticipantes*<sup>3</sup>, na valorização das criações coletivas e na noção de currículo que se constrói no cotidiano escolar (OLIVEIRA, 2012).

As atividades emergiram da experiência cotidiana no magistério de um dos autores deste artigo, portanto, a dialogicidade tematizada entre os sujeitos concretos delinea uma realidade que evidencia que educadora e educandos já realizaram trocas e participaram de outros encontros juntos. Todavia, é importante frisarmos que a experiência não se traduziu em algo artificial ou vazio de significado, pois a “inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação” (FREIRE, 2019a, p. 115-116).

Neste artigo discutiremos o interesse juvenil pela temática sexualidade e apresentaremos uma cocriação curricular e freireana no *Mentimeter* que emergiu da rede de *saberesfazer*s estabelecidas entre a *professorapesquisadora* e estudantes de uma escola pública localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, a partir de conversas realizadas nos dispositivos *WhatsApp* e no *Mentimeter*.

---

3 Na Pesquisa nos/dos/com o Cotidiano é comum grafarmos alguns termos juntos pois são entendidos como conceitos indissociáveis, essa decisão compreende a necessidade de buscarmos uma forma outra de fazer ciência e a superação das imposições da racionalidade moderna.

## 2 ESTUDO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO *DENTROFORA* DA ESCOLA

Segundo Sepulveda e Amaro (2018), os cotidianos escolares são *espaçotempos* de virtuosidades e de disputas entremeadas por relações de poder, pois a escola é campo de enfrentamento das ofensivas conservadoras, pela adoção de uma postura crítica, reflexiva e formativa, centrada no respeito à diversidade sexual e às relações de gêneros. Devido à tentativa de favorecer o entendimento dessa questão apresentamos a contribuição de Michel Foucault, filósofo que admitia que o poder não se exerce isoladamente e de maneira individual, pois tem caráter relacional, atua em e deve ser compreendido como:

A multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios de tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam em si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na forma de lei nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 2017, p 100-101).

Outro aspecto que também merece ser considerado é que o desenvolvimento dos sujeitos depende da combinação de aspectos biológicos, psicológicos, políticos, econômicos, socioambientais e culturais e que a interação entre esses diferentes elementos possibilita a construção da identidade sexual e de gênero, portanto, para esse autor o gênero é uma construção social e histórica.

Na escola as relações interpessoais se estabelecem, assim como o desenrolar de incontáveis experiências nas vidas dos jovens, que em contrapartida também são influenciados. Por ser um *espaçotempo* das juventudes, “a escola fulgura repleta de desafios e dualidades” existindo como lugar de conflitos, mas também de resistência à tentativa de uniformização e contenção das individualidades e diferentes expressões estéticas juvenis (SILVA, 2013, p. 83).

Em seu trabalho, Maso e Mendonza (2021) recomendaram a consideração das ideias do educador Paulo Freire em favor do questionamento da dicotomia que governa o mundo, legítima as opressões e se revela em práticas heteronormativas, misóginas e tendem a subalternizar corpos e desejos. Assim, no centro desse debate, o estudo das relações de gênero ascende como foco de inúmeras pesquisas forjadas nas ideias de resistência, fundamentadas na decolonização de currículos e comprometidas com a problematização da heteronormatividade e a desconstrução de ideias sexistas no cotidiano escolar (SEPULVEDA; AMARO, 2018). Acerca da colonização e da resistência, hooks (2020, p. 57) reverbera que:

Somos bombardeados diariamente por uma mentalidade colonizadora – poucos de nós conseguimos escapar das mensagens oriundas de todas as áreas de nossa vida -, uma mentalidade que não somente molda consciências e ações, mas também fornece recompensas materiais para a submissão e aquiescência que superam em muito ganhos materiais advindos da resistência, de modo que precisamos estar constantemente engajados em novas maneiras de pensar e ser. Precisamos estar atentos de forma crítica.

Para hooks (2020), as lutas contra o machismo, o racismo e a exploração de classe devem ser constantes. Portanto, se o sexismo é mais perverso com as mulheres pobres, negras, lésbicas e transexuais é importante nos comprometermos com a pedagogia feminista implicada na luta pelos direitos reprodutivos, imprescindíveis à proteção das pessoas mais vulneráveis e para dar sustentabilidade à libertação (HOOKS, 2019).

Desse modo, é importante ressaltarmos que embora o diálogo entre Freire e hooks possa parecer inusitado, ele é coerente, pois como a autora estadunidense nos conta em *Ensinando a transgredir: a educação para a prática da liberdade*, seu encontro com as ideias do educador brasileiro ocorreu justamente no momento em que ela questionava a política de dominação e a influência do racismo, do sexismo e da exploração de classes em seu país. O encontro a “fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência” e mesmo observando a linguagem sexista presente nos primeiros livros de Paulo Freire, a autora reconheceu a motivação do educador em favor da libertação e da conscientização e destacou que as ideias freireanas favoreceram a transformação do seu pensamento crítico (HOOKS, 2017, p. 66).

No cotidiano escolar não é difícil observar indícios do interesse dos jovens pelo tema sexualidade, a partir da atenção aos pormenores, a tudo que normalmente é negligenciado e considerado menos importante. A observação dos cômodos que compõem os espaços, a mobília, as palavras escritas, das conversas, corpos, performances e comportamentos podem evidenciar o interesse juvenil pela temática. Considerar o paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg é “investigar o que não está à mostra, já que a realidade não se desnuda enquanto tal. Situações que muitas vezes são tidas como insignificantes podem expressar muito ao pesquisador, já que são imagens da realidade pesquisada” (SEPULVEDA, D.; SEPULVEDA, J., 2018, p. 59).

O interesse de estudantes pelo tema sexualidade foi destacado no trabalho de Miranda e Alves (2019) que investigaram os assuntos relacionados à temática mais apontados por estudantes matriculados Ensino Médio. Partindo disso e das ideias apresentadas acima, a seguir revelaremos algumas pistas do interesse dos jovens encontradas no cotidiano da escola pesquisada e que motivaram a investigação da tessitura de conhecimentos de Direitos Sexuais e Reprodutivos no cotidiano escolar na perspectiva da educação freireana.

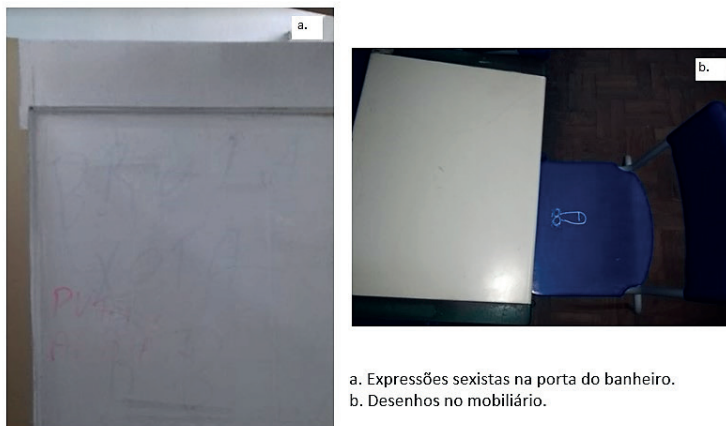
## 2.1 PERCORRENDO AS PISTAS DEIXADAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Estudar o cotidiano das escolas pode nos ajudar a entender como as “as juventudes se mimetizam “numa teia de toques e estreitamentos que revelam a complexidade de seu existir”, principalmente, frente às diversas tentativas de adequação e aprisionamento, perpetrados pelos mecanismos de repressão social existente na história (SILVA, 2013, p. 81).

O mergulho que narramos permitiu o registro de imagens, “pichações”, atividades educativas e a escuta atenta dos sujeitos que habitam o cotidiano escolar. Os movimentos possibilitaram a observação da criatividade, expressividade, curiosidade, insurgências e resistências juvenis, assim como fizeram emergir algumas tensões.

Os registros que apresentaremos a seguir (Figura 1) evidenciam o interesse pela temática abordada, como o “rabisco” feito com líquido corretivo em cadeiras escolares e a constante repintura de portas de banheiros para tentar apagar a “pichação” de palavras e injúrias de cunho sexual.

**Figura 1** – Pistas registradas no cotidiano escolar



a. Expressões sexistas na porta do banheiro.  
b. Desenhos no mobiliário.

Fonte: Acervo dos autores.

Os “rabiscos” à caneta ou corretivo nas paredes e carteiras escolares, frequentemente, são percebidos como vandalismo. Entretanto, para Silva (2013, p. 84) revelam “a expressividade das imagens e das mídias no comportamento dos estudantes dentro da escola, visto que toda imagem produz escritas num sentido criativo circular”. Acerca disso, Autoria Ocultada (2009, p. 1) ressalta que:

O copista escolar e também artista que persegue a alteridade das imagens que produz. As folhas pautadas de um caderno, o papel ofício ou a folha tamanho A4 são mídias demasiadamente rarefeitas para manifestar uma lancinante imagem da existência e impróprias para narrar as cosmovisões juvenis diante daqueles que estão inconscientes da linguagem pictórica da comunicação deflagrada pela escrita.

Posteriormente, buscamos entender se os direitos reprodutivos estão presentes no currículo e dirigimos o olhar à investigação de atividades de prevenção à gravidez na adolescência. Por isso, além do reconhecimento da importância das imagens captadas no cotidiano escolar, achamos pertinente ouvir as narrativas dos estudantes, movimento que favoreceu a reflexão sobre a complexidade e urgência da discussão da temática.

Nesse sentido, merecem destaque a observação da curiosidade dos estudantes sobre anatomia e fisiologia do corpo humano, a reprodução e os métodos contraceptivos. Esses assuntos, na maioria das vezes surgem nas conversas acompanhados por um acanhamento inicial, mas logo desvelam jovens interessados pelo cuidado de si e do outro, questionadores da falta de políticas públicas voltadas para a saúde mulheres e pessoas da comunidade LGBTQIA+ e que desejam conhecer as medidas de contracepção de emergência e as profilaxias contra o HIV/AIDS: a Profilaxia Pós-Exposição – PEP, que compreende a administração de medicamentos antirretrovirais logo após a exposição ao fator de risco, por até 28 dias e a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV – PrEP, que requer o uso preventivo de me-

dicamentos antes da exposição ao vírus da Imunodeficiência em humanos, reduzindo a probabilidade de infecção. Essas observações evidenciam que:

As imagens juvenis de maior relevância são seus corpos e falas geradores de imagens móveis, transitórias e transitantes de uma torrente de narrativas. Poéticas explicitam as redes de sentidos por meio das quais seus jovens autores inscrevem e descrevem suas vidas. Redes imagéticas em cujos movimentos fulguram suas criações, reproduções, irrealizações, fabulações e evocações, na permanente produção de suas próprias significações, suas autorias (AUTORIA OCULTADA, 2007, p. 11).

Outros fatos que merecem ser mencionados foram a escolha do tema Orientação Sexual, na seleção do Projeto de Leitura Escolar (PLE) no ano de 2018 e do tema selecionado Bullying, em 2019, evidenciando que as juventudes da escola se interessam por questões relacionadas à alteridade. Esse dado indicou a importância da discussão das relações de gênero no cotidiano escolar e despertou a atenção para o desenvolvimento de atividades implicadas com o não silenciamento dos sujeitos e de suas diversas formas de (re)existências e expressão. Assim, os registros nos desafiaram a ultrapassar os muros da escola, a partir da rede instituída pelos participantes e do desenvolvimento de atividades que se materializaram em conversas no *WhatsApp* e em uma cocriação no *Mentimeter*.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi realizado com nove estudantes de 15 a 18 anos matriculados em uma escola pública da rede estadual localizada no município de Volta Redonda/RJ. As conversas que aconteceram no dispositivo *WhatsApp* foram incentivadas pela coordenação, em razão do desenvolvimento do projeto *Esperança é preciso* – Centenário de Paulo Freire, na referida rede de ensino.

Segundo Freire (2019a, p. 109) “dizer a palavra verdadeira é práxis, é transformação” e enunciar a palavra não pode ser privilégio de alguns, mas direito de todos, pois ninguém deve silenciar os demais, também, porque o diálogo acontece do nosso encontro com outras pessoas no mundo e com o mundo. Nesse sentido, convém ressaltar que trabalhar com a educação freireana é abraçar a educação popular, portanto, “pensar a educação popular obriga a uma revisão da própria educação”, pois implica na consideração da diferença, em razão das desigualdades em nosso país e porque a educação popular não oferece um único modelo para nossa prática educativa (BRANDÃO, 2012, p. 15).

Além do *WhatsApp* foram utilizados o caderno de campo que permitiu o registro detalhado das observações e as Fichas-roteiro elaboradas previamente para fornecer subsídios, mas que nunca podem ser entendidas como uma prescrição rígida (FREIRE, 2019b) devido às opções políticas-epistemológicas contidas neste estudo e em consideração às particularidades dos *sujeitosparticipantes*.

A conversa como metodologia de ensino e pesquisa está implicada com a ideia dos Círculos de cultura concebidos por Paulo Freire em aproximação com a pesquisa com os cotidianos, pois a rede de conversações instituída entre os participantes é entendida aqui como *arte de conversar* e oportunidade

para o reconhecimento da narrativa dos sujeitos envolvidos (ALVES, 2019). Os Círculos de Cultura foram realizados com educadores e educandos (majoritariamente camponeses) na aplicação do Método de Alfabetização de Paulo Freire, na década de 1960. As narrativas orais eram anotadas ou gravadas e os praticantes podiam refletir criticamente sobre a prática, situação que estimulava a compreensão acerca da realidade (FREIRE, 1981). Nesses encontros, o educador assumia o papel de mediador e atuava como um coordenador, sem influir ou adotar uma postura impositiva (FREIRE, 2019b).

A pesquisa que apresentamos foi apreciada pelo Comitê de Ética na Pesquisa tendo sido aprovada com o CAAE nº XXXX (ocultado para manter a autoria do artigo em sigilo). Assim, convém informar, que os sujeitos da pesquisa e seus responsáveis responderam positivamente aos Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido encaminhados via formulário do Google e que uma cópia desses documentos foi enviada aos e-mails declarados no preenchimento, em razão da pandemia de covid-19. Neste artigo os sujeitos da pesquisa foram identificados somente com as iniciais de seus nomes para garantir o sigilo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se considerar que, o currículo oficial raramente procura ouvir as ideias, fabulações, criações e reinvenções dos sujeitos que habitam o cotidiano escolar, a escuta dos educandos assume relevância, pois quando os educandos “chegam à escola, também têm o que dizer, e não apenas o que escutar” (FREIRE; GUIMARÃES, 2021, p. 118). Nesse sentido, é importante ressaltarmos que reinventar as ideias freireanas significa aceitar sua forma de entender a história como possibilidade, mas também implica em conseguir ultrapassar a leitura da obra *Pedagogia do oprimido*, pois assim como o pensamento desse educador evoluiu ao longo dos anos, a história e as ideias não podem ser congeladas, elas se transformam constantemente (FREIRE, 2018).

O diálogo é uma exigência existencial fundamentada no amor, na humildade e na fé nos homens e em sua capacidade de criar e recriar, a partir de uma relação horizontal e conseqüentemente, de confiança. Assim, é importante ressaltarmos que as atividades educativas que realizamos foram pautadas no diálogo e na consideração da ética e da estética no processo educativo, pois a existência humana não é muda, nem tampouco silenciosa e deve ser alimentada com palavras verdadeiras que podem promover a transformação do mundo (FREIRE, 2019a). Na perspectiva de educação freireana:

Existir humanamente é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles um novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho e na ação-reflexão. (FREIRE, 2019a, p. 108, grifos do autor).

O uso das mídias e de dispositivos tecnológicos nas atividades educativas, além de contemporâneo é coerente com o contexto pandêmico que vivenciamos e compatível com as ideias freireanas



(FREIRE, 2019c), tendo sido recomendado também por Silva (2017, p. 16), que destacou que o *WhatsApp* pode ser uma ferramenta importante no processo educativo, por contemplar “a participação de sujeitos dialogantes na dinâmica da autoria e da cocriação da comunicação, aprendizagem e da formação” e, que, portanto, está em consonância com o pensamento freireano.

#### 4.1 CONVERSAS FREIREANAS NO *WHATSAPPE* A COCRIAÇÃO NO *MENTIMETER*

Acerca da criação curricular e freireana realizada com os praticantes do cotidiano devemos ressaltar duas coisas: a dedicação dos participantes e a importância do acolhimento dos profissionais da escola. Acerca dos participantes, é necessário ressaltar o clima harmonioso e solidário que se manteve desde os primeiros momentos do turno matutino e se prolongou horas a fio, situação que fez reverberar o argumento freireano de que educar é um ato de amor e coragem (FREIRE, 2019b).

Sobre a parceria estabelecida com os docentes do colégio pesquisado, convém informar que a proposta foi prontamente acolhida. Desse modo, quatro docentes liberaram os estudantes para que pudessem acompanhar as atividades no grupo criado no *WhatsApp*, intitulado, *Diálogos sobre DSR*. A iniciativa foi comemorada, pois alguns participantes trabalham e/ou fazem cursos e afirmaram que não conseguiriam realizar as atividades educativas em outros turnos, conforme podemos observar nas narrativas abaixo.

*Professorapesquisadora:* A coordenação sugeriu que fizéssemos essa semana, pra fecharmos tudo antes [da semana] das provas. Vocês teriam condições de realizar o encontro à tarde? Estamos tentando que os professores do turno matutino liberem vocês amanhã.

*Estudante J:* Então, infelizmente, durante a tarde e à noite não consigo, tenho curso todos os dias.

*Professorapesquisadora:* Por isso, estamos combinando de fazer pela manhã. Vamos aguardar os professores responderem.

*Estudante J:* Tá bom.

*Estudante Jo:* De vez em quando de tarde eu chego a trabalhar. Mas, dependendo do dia, fica tranquilo pra mim.

*Estudante A:* À tarde eu trabalho, não posso e à noite tenho curso.

*Professorapesquisadora:* Oi, gente. Os professores deram a liberação. [...] Vou falar uma coisa, devo muito aos profissionais da escola. Sempre dedicados, carinhosos e compreensíveis.

*Estudante M:* Tá bom. 😊👏. Que legal!

*Estudante J:* Ok, prof.

Merece destaque também o uso do *WhatsApp* no ensino on-line, dispositivo que indubitavelmente possibilita a autoria e criatividade no processo educativo, potencialidades apontadas por Santos e colaboradores (2017) e que no contexto pandêmico ganham novas nuances. Sobre os desafios que a pandemia de covid-19 impôs aos educadores e educandos, destacam-se o enfrentamento às desigualdades e exclusão, sobretudo nas grandes redes da educação pública e o modo *certeauniano* como os praticantes adotaram diferentes táticas e estratégias para driblar a falta de formação e de equipamentos, a partir do estabelecimento de múltiplas redes e do emprego de aplicativos e dispositivos para favorecer o processo de *aprenderensinar* (CASTRO; SANTOS, 2020).

Transcorrido o momento de saudações iniciais foram repassadas as orientações sobre o estudo, os objetivos e os procedimentos que seriam adotados. Buscamos a compreensão das conversas, tentamos entender o que os estudantes pensam e querem saber, por considerarmos que isso pode nos ajudar a perceber seus interesses e contribuir na discussão das relações de gênero no cotidiano escolar. Decidimos intervir o mínimo possível nas transcrições, alterando somente àquilo que dificultava a compreensão. Desse modo, o “internetês” e as novas formas de escrita, sempre que possível foram mantidas, pois são entendidas aqui como criações das juventudes nas redes. A seguir, podemos observar as transcrições de outra conversa no grupo criado no *WhatsApp*.

*Professorapesquisadora:* Boa tarde, nosso grupo foi criado e está completo. Em breve retorno aqui para contar os próximos passos. Abraço.

*Estudante J.:* Tá bem! [...]

*Professorapesquisadora:* Meus queridos, faremos as “conversas” aqui, preferencialmente no turno da manhã, mas fiquem à vontade para participarem ao longo do dia se precisarem. Na próxima segunda-feira darei mais informações, mas já adianto que quero ouvir a opinião de vocês em algumas questões. TB vamos coletar palavras no Mentimeter. Vai ser lindo e muito tranquilo! Cuidem-se bem! Bom fim de semana.

*Estudante Jo.:* Tá bom, professora!! Professora, com todo respeito... aceitamos notas tbm kkkkk

*Estudante G.:* Tá bom, professora!!!

*Professorapesquisadora:* Vocês nem precisam, rs. Sério, vão me ensinar muito.

*Estudante Jo.:* Aí sim, professora!!!

*Estudante D.:* Ok, professora. [...]

*Professorapesquisadora:* Bom dia, meus lindos! Adivinha quem acordou bem-disposta!? Iniciaremos hoje, conforme o combinado. Vou colocar uns critérios aqui só pra gente se

organizar. Lembrem-se que aqui sou aprendiz e o que importa é a opinião de vocês, desde que não machuque os demais.

*Estudante D.:* Bom dia

*Professorapesquisadora:* Hj teremos algumas questões e um link para a nuvem de palavras [...]. Se acharem necessário podem enviar áudio pra complementar sua resposta ou para comentar a resposta de um colega e dialogar com tranquilidade. É isso, gente! Em qualquer momento, vocês poderão me chamar aqui ou no privado, se julgarem melhor.

*Estudante P.:* Deve ser respondido no grupo? Bom dia!!

*Professorapesquisadora:* Bom dia, Estudante P. Como a coletividade e a solidariedade são importantes na concepção de educação freireana, sim. Mas se alguma questão te deixar desconfortável você poderá enviá-la no privado. O importante é vocês se sentirem seguros.

No intuito de frisar o compromisso com uma *pedagogia da pergunta*, capaz de aguçar, estimular e reforçar a curiosidade dos educandos (FREIRE, 2019d), a *professorapesquisadora*, coordenadora dos debates no *círculo freireano* realizado no *WhatsApp* trouxe a primeira questão: Nas aulas anteriores um estudante perguntou o que eram os direitos sexuais e reprodutivos. Sejam sinceros, vocês já tinham ouvido falar sobre isso antes? Abaixo podemos perceber que enquanto alguns estudantes ressaltaram que o debate desse assunto é escasso, outros relataram suas experiências.

*Estudante G.:* Nas minhas antigas escolas, esse tipo de assunto nunca foi muito bem abordado.

*Estudante Pe.:* Sim, uma vez na minha escola anterior, quando estávamos aprendendo sistema reprodutor (acho que era isso).

*Estudante Jo.:* Nas minhas escolas antigas nunca entramos nesse assunto.

*Estudante J.:* Sim, eu já tinha conhecimento a respeito da temática supracitada, uma vez que era habitual a prática de debates e cafés literários em minha antiga escola.

*Estudante L.:* Hum, sinceramente não, nunca ouvi quais direitos a gente tinha, sei das doenças e acho que no colégio já tivemos coisas parecidas, [...] como educação sexual, mas não lembro de ter estudado o tema direitos que você tem, nem sabia que tinha [esses] direitos.

*Estudante P.:* Sim, eu já havia ouvido falar, aliás, todos os dias. Pois, nas redes sociais esse assunto é bastante abordado, por todos os tipos de pessoas (crianças, adultos e idosos).

*Estudante D.:* Sim, pois sou voluntário de uma ONG não governamental que luta pelo direito de amor, direito de viver, direito de ter direito.

*Estudante M.:* Sim. Nas minhas escolas anteriores, as professoras falavam bastante.

*Estudante A.:* Sim, é um assunto que se é comentado em alguns lugares mesmo sendo mal recebido por algumas pessoas. Grifos nossos.

A importância das redes sociais no debate dessa questão evidenciada na narrativa da *Estudante P.* merece destaque, assim como duas situações, a tematização, indicada pelo *Estudante Pe.*, evidenciada pela lembrança da abordagem específica do tema sistema reprodutor, exclusivamente no 8º ano do Ensino Fundamental e a centralidade no professor, mencionada pela *Estudante M.*

Se as palavras podem ser instrumentos de opressão, elas também podem ser usadas quando falamos aos outros, escrevemos frases e modos de saber, que pronunciados e exercidos, um dia poderão favorecer a libertação de sujeitos e seus mundos (BRANDÃO, 2012). Assim, é importante ressaltarmos a narrativa do *estudante D.*, que em um desdobramento da conversa nos contou sobre sua participação na Organização Não Governamental *Volta Redonda sem homofobia* e, também a reação da *Estudante M.*, que evidencia o respeito e a solidariedade que observamos entre os participantes:

*Professorapesquisadora:* Estudante D., qual o nome da ONG? Poderia partilhar conosco?

*Estudante D.:* É Volta Redonda sem homofobia, nós lutamos não só pela comunidade LGBTQIA+, mas por todos os grupos minoritários.

*Estudante M.:* Que legal! Parabéns. 🙌

*Professorapesquisadora:* É o grupo coordenado pelo N. A? Estou seguindo há algum tempo lá no Facebook.

*Estudante D.:* Simm, [https://instagram.com/ongvrsh?utm\\_medium=copy\\_link](https://instagram.com/ongvrsh?utm_medium=copy_link)

*Professorapesquisadora:* Opa, já vou seguir no insta tb! Adorando as contribuições. Vocês podem falar com liberdade. Não se prendam à resposta do colega. Cada ideia conta muito, importa muito.

No intuito de ampliarmos o entendimento acerca da tessitura de conhecimentos relacionados à temática abordada avançamos para a segunda questão: Você já realizou alguma atividade sobre direitos sexuais e reprodutivos na escola?

*Estudante G.:* Pelo o que eu me recordo, não.

*Estudante Pe.:* Acredito que não, tive poucas matérias que abordavam o assunto.

Estudante Jo: Não.

*Estudante J.:* Realizei alguns *pequenos debates dinâmicos*, no entanto, *não contaram com muito aprofundamento*.

*Estudante L.:* Pelo que eu me lembre não, não acho que estudarmos.

*Estudante P.:* Sim, posso citar a vez em que estava na quarta série e tinha 8 anos, quando uma *professora falou abertamente* sobre o assunto, *explicando e mostrando* em imagens. E também, comumente, em aulas de *ciências* ou em *sociologia*.

*Estudante D.:* Na *escola, não*.

*Estudante M. e Estudante A.:* Que eu me lembre, não. Grifos nossos.

Nas narrativas acima podemos observar a pequena difusão da temática no cotidiano escolar, também que o assunto não é abordado em todas as disciplinas, conforme indicado pelo *Estudante Pe.* e confirmado por todos os colegas. Inclusive, a *Estudante P.* nos contou que só realizou essas atividades nas disciplinas de Ciências e Sociologia. Os achados acima preocupam, pois acreditamos que a temática poderia ser abordada de forma interdisciplinar, quando na realidade, excetuando alguns esforços, o desenvolvimento de atividades relacionadas educação e saúde sexual, ainda são delegadas aos professores de ciências e, portanto, biologia” (HASSEN, 2006, p. 184).

Em sua narrativa, a *Estudante P.*, parece confirmar a centralidade do educador que “fala abertamente”, “explica” e “mostra”, situação que já havia sido destacada anteriormente por outra participante, e ainda aponta para o indicado por Cabral e Brandão (2020), que consideram que a temática deveria ser abordada em todos os níveis de escolaridade, pois segundo as autoras, a escassez desse debate não contribui na discussão das desigualdades de gênero e coloca as meninas e as adolescentes em risco, uma vez que as estatísticas indicam que esses grupos são os mais vulneráveis à violência sexual.

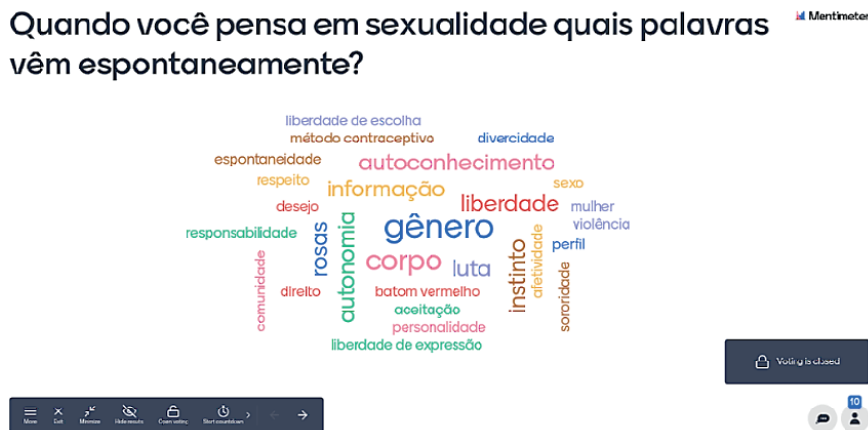
Posteriormente, dando continuidade às discussões, as conversas realizadas no *WhatsApp* favoreceram a busca de palavras geradoras que saltaram espontaneamente nas narrativas dos educandos e que possibilitaram a cocriação de uma nuvem de palavras no *Mentimeter*, dispositivo que não necessita de instalação, é fácil de usar, possibilita a interação entre os participantes e pode ser acessado no endereço eletrônico: <https://www.mentimeter.com/> (TORRES *et al.*, 2019).

Com base no pensamento freireano, as palavras geradoras são termos ou conceitos que consideram a realidade dos educandos. Nesse sentido, o dispositivo *Mentimeter* deu visibilidade às expressões dos participantes e fez emergir as palavras e ao mesmo tempo desvelou os modos de ser e estar no mundo. Em consideração à horizontalidade entre os participantes, questão primordial na educação freireana e ao comprometimento político-epistemológico da pesquisa com os cotidianos, o trabalho desenvolvido foi coletivo, desse modo, educadora e os educandos criaram juntos. Na nuvem criada (FIGURA 2), os termos que mais atraíram os nossos olhares foram os relacionados ao respeito aos direitos e à diversidade, palavra que foi digitada incorretamente, mas que assume importância considerável, sobretudo quando ao lado de palavras como “luta” e “liberdade”, também por considerarmos que “a realidade é multicolor, é

arco-íris” (FREIRE, 2019d, p. 57). Nesse sentido, o achado é relevante e não foi excluído, embora o *Mentimeter* disponibilize o recurso de revisão, porque “o chamado ‘erro’, em linguagem, é apenas um breve momento na busca da linguagem correta” (FREIRE, 2019c, p. 146).

**Figura 2** – Nuvem de palavras criada no *Mentimeter*

Acesse [www.menti.com](http://www.menti.com) e use o código 7337 6201



Fonte: Acervo dos autores.

Ao se considerar que, a afetividade é um conceito fundamental na perspectiva de educação freireana, os termos “desejo”, “corpo”, “rosas”, “batom vermelho”, também merecem ser destacados, porque embora inacabados, somos seres inteiros e não dicotomizados, que conhecem com o corpo todo, com sentimento, paixão e razão (FREIRE, 2019d, p. 28). Depois da realização das atividades foi solicitado que os estudantes avaliassem o encontro. Os dados coletados nessa avaliação evidenciaram que recursos utilizados foram atrativos, como podemos perceber abaixo:

*Estudante Pe.:* Foram métodos super legais e educativos, abordando o assunto de uma forma fácil de compreender. Assim como eu aprendi muito sobre os assuntos falados, todos os outros também aprenderam e compartilharam seus conhecimentos, certamente favoreceu bastante o processo.

*Estudante J.:* Sim, adorei os meios utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, tornou-se bem dinâmica e leve.

O movimento mostrou-se frutífero, pois esta foi a primeira experiência dos participantes no *Mentimeter*. Educadora e educandos tiveram a oportunidade de partilhar, de *aprenderensinar* em comunhão. Inclusive, todos os participantes colocaram-se à disposição e responderam que aceitariam participar de outros encontros da pesquisa, o que é maravilhoso, visto que essa conversa não deveria terminar aqui.

## 5 CONCLUSÃO

Neste artigo narramos um recorte da pesquisa que está investigando a tessitura de conhecimentos acerca dos DSR no cotidiano escolar em diálogo com as ideias do educador Paulo Freire. As ações educativas que delineamos foram desenvolvidas com a participação de educandos do Ensino Médio, matriculados em uma escola pública da rede estadual, em Volta Redonda/RJ.

As ideias apresentadas neste artigo também se fundamentam na pesquisa com os cotidianos e na noção de Currículo construído no cotidiano. O caderno de campo possibilitou a anotação das observações e de atravessamentos que aconteceram durante as conversas realizadas no *WhatsApp* e a nuvem de palavras, cocriada no *Mentimeter* pela educadora e educandos, contribuiu no levantamento de palavras geradoras, termos ou conceitos que os praticantes consideraram relevantes quando pensam sobre a temática estudada. Convém ressaltar que o encontro ocorreu sob a inspiração dos Círculos de Cultura realizados por Paulo Freire na década de 1960 durante a aplicação do Método de Alfabetização de Adultos.

Após a realização desse primeiro encontro pretendemos continuar a conversa, dessa vez para investigar as potencialidades de atividades voltadas à Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, Lei nº 13.798/19, uma vez que os participantes apontaram que têm interesse no debate de temas relacionados aos direitos reprodutivos.

Finalmente, ressaltamos a contribuição da pedagogia do diálogo proposta por Paulo Freire materializada aqui na ideia de conversa como metodologia de *aprenderensinar* e nos dispositivos utilizados, que possibilitaram a autoria e a criatividade no processo educativo, ainda mais se considerarmos o contexto pandêmico que vivenciamos. Ademais, é importante acrescentarmos que as atividades realizadas favoreceram a discussão da temática e a ressignificação de conteúdos abordados, a partir de uma criação coletiva e atrativa às juventudes nas redes, na visão dos participantes.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Práticas pedagógicas e imagens narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

AUTORIA OCULTADA. Imagens da educação: a linguagem pictórica da escrita no cotidiano escolar. **Uma Imagem**. Redes educativas e currículos locais. Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, 2009. Disponível em: [http://www.lab-eduimagem.pro.br/jornais/ed\\_img/anteriores/ano1\\_ed10/PDF/edu\\_ui\\_a2\\_e10.pdf](http://www.lab-eduimagem.pro.br/jornais/ed_img/anteriores/ano1_ed10/PDF/edu_ui_a2_e10.pdf). Acesso em: 6 out. 2021.

AUTORIA OCULTADA. Culturas juvenis, cotidianos e currículos: revista para uma educação crítica emancipadora. **Currículos sem fronteiras**, v. 7, n. 2, jul./dez., 2007. p. 7-20. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2007/vol7/no2/1.pdf>. Acesso em: 6 out. 2021.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2012. (coleção Primeiros passos).

CABRAL, C. S.; BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. **Caderno de Saúde Pública**. 36, n. 8, 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1138/gravidez-na-adolescencia-iniciacao-sexual-e-genero-perspectivas-em-disputa> . Acesso em: 10 fev. 2021.

CASTRO, L. H. M.; SANTOS, R. Ambiências formativas em tempos de novas educações: o que aprendemos ensinamos com a pandemia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, n. especial, jun./out. Rio de Janeiro, 2020. p. 379-397. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/52284>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2017.

FREIRE-FILHO, J. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, P. **Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**. FREIRE, A. M. A.; MENDONÇA, E. F. (org.). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019c.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019d.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. FREIRE, A. M. A. (org.). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HASSEN, M. N. A. Sexualidade e reprodução: uma abordagem participativa no desenvolvimento de materiais educativos com jovens no Brasil. *In*: CORNWALL, A.; WELLBOURN, A. (org.). **Direitos sexuais e reprodutivos: experiências com abordagens participativas**. Tradução: Roberto Cataldo. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2006. p. 184-194.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.



HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luiza Libânio. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

MASO, T. F.; MENDONZA, N. G. Educação popular feminista: um sonho, uma luta e um ato político. **Revista Estudos do Sul Global**. v. 1, n. 2. 2021. p. 158-181. Disponível em: <https://resg.thetricontinental.org/index.php/resg/article/view/31>. Acesso em: 16 set. 2021.

MIRANDA, P. R. M.; ALVES, J. M. Temas e/ou questões sobre a sexualidade de interesse de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Rio Branco – Acre. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**. v. 6, n. 2, p. 647-659, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/2520> . Acesso em: 19 ago. 2021.

SANTOS, R.; CARVALHO, F. S. MADDALENA, T. L. Conversas ubíquas via WhatsApp: ambiências formativas multirreferenciais. *In*: PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; CHAGAS, A. (org.). **WhatsApp e educação**: entre mensagens, imagens e sons. Salvador/Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017. p. 193-214.

SEPULVEDA, D.; AMARO, I. A escola, outros *espaços tempos* não escolares e seus processos pedagógicos cotidianos no enfrentamento das ofensivas conservadoras: o respeito às diferenças, à diversidade sexual e às relações de gênero. *In*: SEPULVEDA, D.; AMARO, I. **Gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia** (org.). Curitiba: CRV, 2018. p. 11-17.

SEPULVEDA, D.; SEPULVEDA, J. Conservadorismo, gênero e sexualidades: temáticas que se entrelaçam nas pesquisas do GESDI e do GEPCEB. *In*: SEPULVEDA, D.; AMARO, I. (org.). **Gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia**. Curitiba: CRV, 2018. p. 45-61.

SILVA, M. Paulo Freire, Vygotsky, Freinet, Dewey e Anísio Teixeira: usariam o WhatsApp! *In*: PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; CHAGAS, A. (org.). **WhatsApp e educação**: entre mensagens, imagens e sons. Salvador/Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017. p. 15-26.

SILVA, M. O. Juventudes inventadas. *In*: BERINO, A.; VICTÓRIO FILHO, A.; SOARES, M. C. S. (org.). **A fatura das juventudes**: tramas entre educação, mídia e arte. Rio de Janeiro: NAU, 2013. p. 81-88.

TORRES, P. L.; SIQUEIRA, L. M. M.; KOWALSKI, R. P. G. Uso de aplicativos com a colaboração entre pares para a aplicação didática no ensino superior. *In*: SANTOS, E.; PORTO, C. (org.). **App-Education**: fundamentos, contextos e práticas luso-brasileiras na cibercultura. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 291-312.

---

**Recebido em:** 22 de Maio de 2020

**Avaliado em:** 16 de Janeiro de 2021

**Aceito em:** 5 de Junho de 2021

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2022 Revista Interfaces Científicas - Educação



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

---

1 Doutor em Educação; Professor do curso de Pedagogia da UFRRJ (IM/Nova Iguaçu) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc/UFRRJ.  
E-mail: aristotelesberino@yahoo.com.br

2 Doutoranda do PPGEduc/UFRRJ; Professora da SEE/RJ.  
E-mail: janainaeduardo@yahoo.com.br

